

EM CONCÓN

SANTIAGO — março — pela Panair do Brasil. — Fim de semana, descemos para o mar. Vamos a Concón, onde há uma refinaria de petróleo e outras indústrias, mas há principalmente, numa barraca ingênua e pobre uma princesa chinesa que um rei maldoso transformou em mulher-borboleta. Ela recita a sua história, muito séria; tem cabeça (de verdade) de mulher, e asas (de pano) de borboleta; e, que se veja, não tem mais nada. Além disso diz o nosso futuro como vai ser, e tudo isso é barato, por 5 pesos.

Tenho um amigo, rico e ruim, que tem uma idéia sinistra. Diz à moça que vende entradas que quer ir lá dentro, nos fundos da barraca, ver como o truque é feito. A moça diz que não pode ser. Ele insiste. Dá 100 pesos. A moça diz que não. Ele puxa 200 pesos; é equivalente a 40 entradas, mas a moça, heróicamente, resiste. Ele puxa agora 500 pesos — e a moça hesita. A mulher-borboleta está certamente ouvindo a conversa, mas sua cara é imutável. Em silêncio, ela espera que seu mistério seja quebrado. Tem uma cabeça muito araucana, essa chinesa. Alguém diz ao meu amigo que não vale a pena gastar os 500 pesos, aquilo é um truque vulgar, um jogo de espelhos. Mas ele responde zangado, que sabe que é truque, mas quer ver o truque, paga os 500 pesos e quer ver.

Faço-lhe um sinal. Ele põe o dinheiro no bolso. A moça respira, aliviada. A "mulher-borboleta", creio, também dá um suspiro, não sei se pelos 500 pesos perdidos ou pelo seu mistério resguardado.

O amigo me pergunta porque não o deixei entrar. Digo-lhe que seria uma crueldade, uma corrupção, um abuso do poder econômico, uma falta de respeito, uma violação odiosa da dignidade daquela barraca simples mas honesta. Ele não parece muito convencido. Então eu lhe confesso toda a verdade: o pior de tudo, o pior é que a mulher-borboleta é mulher-borboleta mesmo; tem apenas um pequeno corpo escuro, fusiforme, que a gente não vê porque a cabeça o encobre; e no pescoço se pregam as asas coloridas, pobres, que são de pano mesmo, mas estão entranhadas na carne do pescoço por meio de arames, miseráveis asas que não podem voar, patéticas, infelizes... No fundo a mulher é uma aleijada que fez uma operação sem resultado para virar borboleta; é uma louca; talvez seja mesmo princesa chinesa; tudo pode ser verdade; não convém investigar demasiado as coisas. Ou, quem sabe, a mulher é uma doente, sofre de uma terrível e repugnante moléstia que enfia todo o seu corpo e por isso armou aquela barraca em que mostra apenas a sua cabeça, em que pode recitar versos, sorrir, sem que ninguém se afaste dela com nojo. Ou então...

Mas o meu amigo, horrorizado, puxou 500 pesos, meteu-os no meu bolso e gritou, alarmado: "chega, chega!"

E partimos de Concón.

319/55 R. B.

255